

VIII Simpósio Nacional de História Cultural

## MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA CULTURAL

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

### **(RES) SIGNIFICANDO A CIDADE: O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE TERESINA (1990-2010)**

Regianny Lima Monte\*

O Centro de uma cidade é mais do que um espaço localizado na cartografia da cidade. Em muitas cidades é o ponto inicial daquele assentamento urbano. Possui uma carga simbólica e patrimonial muito forte. Para Sandra Jatthy Pesavento:

O centro é o núcleo original, o ponto de partida nodal e uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo. [...] Ser o núcleo mais antigo de um assentamento urbano implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original da urbe. Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e potencialmente referenciais para o passado da urbe; neste espaço central teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem são, via de regra, centros políticos, culturais, religiosos e, sobretudo, locais de intensa sociabilidade (PESAVENTO, 2008, p. 4 e 5).

Conforme a autora, um centro urbano possui três componentes fundamentais na articulação entre espaço e tempo na cidade: primeiramente, os elementos estruturais de sua materialidade; em segundo, a apropriação que se fazem desses espaços no tempo, transformando-o em território, ou seja, espaço de experiências vividas, onde se

---

\* Doutoranda em História da UFG. Professora do IFPI. Bolsista da FAPEG

estabelecem as relações de sociabilidades; e por último, a carga imaginária desse espaço-território no tempo, transformado em lugar portador do simbólico e das sensibilidades. Nesse sentido, as centralidades urbanas fazem parte do processo histórico da urbe, uma vez que possui uma carga de materialidades e significações para uma dada sociedade.

Em Teresina, capital do estado do Piauí não é diferente. A cidade foi planejada pelo conselheiro Antônio Saraiva e seguiu o modelo de tabuleiro de xadrez, no qual o projeto tem como ponto de partida um largo, hoje a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, em torno da qual se deu início a cidade, com os prédios públicos e religioso, como o Palácio da Cidade, sede administrativa e a Igreja Nossa Senhora do Amparo, onde se deu a pedra fundamental da cidade. Em torno dessa área, hoje considerado o Centro da cidade, ocorreu não só o crescimento urbano da capital, mas também foi o lócus de sociabilidades e vivências da maioria da população da capital por pelo menos cem anos de existência.

### **O PROCESSO DE DESVALORIZAÇÃO DO CENTRO DE TERESINA**

O crescimento urbanístico e suas consequências, como adensamento populacional, é uma característica comum nas cidades desde o século XVIII. Os centros urbanos sofrem um desgaste natural com a passagem do tempo, mudanças podem ocasionar alterações de uso desses espaços, que por sua vez acarretam em perda ou alteração de significado prejudicando sobremaneira a memória construída em torno desses espaços. No Brasil, há poucas políticas de preservação patrimonial, o que prejudica sobremaneira a preservação dos centros urbanos. O mais comum é o processo de descaracterização dessas áreas por meio de demolições de prédios antigos e/ou adaptações grosseiras que contribuem para o processo de desvalorização econômica e patrimonial dos Centros urbanos.

Em Teresina, não é diferente. Mesmo sendo uma cidade moderna, com um pouco mais de 160 anos de história, projetada para ser a capital do Piauí ainda no império, não consegue preservar seu patrimônio histórico como muitas outras no Brasil. O Centro passa por constantes modificações, desde deixar de ser área residencial de alto poder aquisitivo, até mesmo passar por um processo de desvalorização comercial. Desse modo, o Centro passa a ser um local vazio à noite, perigoso, degradado. Espaços antes reservados às principais atividades da cidade, polo administrativo, com comércio efervescente, espaços de sociabilidades e lazer, como praças, cinemas e clubes, sedem espaço para ruínas onde habitam seus fantasmas.

Esse processo de desvalorização do Centro decorre por uma série de fatores que agem mutuamente agravando a situação nesses espaços. Primeiramente, há de se levar em consideração o próprio processo de crescimento e espacialização urbanos ocorrido em Teresina principalmente nas décadas de 1960 e 1970, em que praticamente a população dobrava a cada década, novas áreas surgem na cidade. Uma dessas áreas é a Zona Leste da Cidade, uma área nobre, voltada para uma população de alto poder aquisitivo que busca mais conforto e bem estar longe das áreas centrais e seus problemas comuns como barulho, congestionamentos e altas temperaturas.<sup>1</sup> Essa mudança para a Zona Leste segue os imperativos dos demais centros urbanos mundiais. Conforme Raymond Williams,

De fato, vem ocorrendo um movimento importante de afastamento da cidade em uma acepção mais antiga, com as grandes demolições nos centros da cidade para a construção de centros comerciais e administrativos e a construção de subúrbios, cidades planejadas e centros industriais em áreas rurais ou semirurais, como resultado de uma política de descentralização relativa. A cidade concentrada está sendo substituída, nas sociedades industriais, por uma verdadeira rede de transportes (WILLIAMS, 2001, p.468).

De modo que a área do Centro, a partir de então, perde progressivamente o espaço de área residencial e passa ser eminentemente comercial, uma vez que a população de alto poder aquisitivo se transfere para Zona Leste da Cidade. Alguns estudiosos afirmam que a inserção dos automóveis também favoreceu a esse processo, uma vez que era possível por meio do veículo ter acesso à área comercial sem necessariamente morar nela. Ficando no Centro apenas uma pequena parcela da população que relutava em permanecer nesse espaço, as demais residências ou sofreram modificações para se adequarem à espaços comerciais ou são postas a baixo para ceder espaços para estacionamentos de veículos.

Com a saída da população de classes mais abastadas do centro da cidade, espaços de lazer e sociabilidades passam por modificações. É o caso de praças, como a Pedro II, o Teatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários, importante eixo cultural da cidade. Uma vez que as formas de lazer eram substituídas por clubes e restaurantes situados na Zona Leste como o Joquey Clube. Em contrapartida o Centro vai ficando cada vez menos movimentado, principalmente no período noturno. Cedendo lugar para moradores de ruas e usuários de drogas que passam a fazer outros usos desses espaços. Dessa forma, fica

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto ver ABREU, 1983.

ameaçada também a memória desses espaços, uma vez que perdendo sua função original, suas práticas são cada vez menos presentes. Esses espaços são fundamentais para a construção da história da cidade, são carregados de identidades, nos dizeres de Pierre Nora são “lugares de memória”, só fazem sentido na medida em que são identificados e rememorados por determinados grupos que repassam para as gerações futuras o significado daquele espaço em períodos históricos diversos (NORA, 1993).

Outro ponto importante para análise do processo de desvalorização do Centro de Teresina diz respeito também a uma tendência mundial: a abertura de *shoppings center*. Esses empreendimentos comerciais foram implantados em Teresina na segunda metade da década de 1990. As primeiras praças comerciais dessa envergadura foram o Shopping Riverside Walk, inaugurado em 1996 e no ano seguinte o Teresina Shopping. Ambos situados na Zona Leste da Cidade. Esses empreendimentos reconfiguraram não apenas o comércio da capital, aproximando Teresina dos grandes centros mundiais, como também forjando novas espacialidades e sociabilidades.<sup>2</sup>

Durante a década de 1990, outro fenômeno traz impactos negativos para o Centro da cidade. Trata-se de um fenômeno denominado de “centralidade fragmentada”, com a espacialização da cidade em inúmeras direções há o surgimento de “centralidades secundárias”. Para Glória Alves

A constituição da centralidade enquanto um atributo do espaço sob a perspectiva da reprodução do capital em nossa sociedade, se dá, invariavelmente, de forma hierarquizada e especializada. A centralidade é fragmentada na cidade e homogênea quanto a constituição de algumas formas. Essa tendência impõe mudanças na vida cotidiana das pessoas, a partir do grupo social da qual fazem parte. Compreender as centralidades a partir da vida cotidiana nos leva às centralidades secundárias (ALVES, 2015, p. 149).

A autora discute o surgimento dessas centralidades secundárias nas regiões periféricas da cidade como uma necessidade decorrente do próprio processo de produção/reprodução desses espaços. A centralidade é entendida, aqui, pela autora, como a concentração de serviços, de bens, de comércio, constituindo uma centralidade local, que atrai pessoas e empreendimentos locais, concentrando ainda mais a população naquela área, de modo que “aparentemente, a caracterização de periferia como lugar de

---

<sup>2</sup> Sobre o assunto ver MONTE, 2016.

precariedade e de centro como concentração e sinônimo de centralidade caía por terra” (2015, p. 149).

De maneira que não só áreas nobres passam a oferecer serviços e um comércio mais próximo dos moradores, como ocorreu na Zona Leste. Mas áreas tidas anteriormente como periféricas, situadas afastadas do Centro urbano, composta de uma população de baixo poder aquisitivo, com a precariedade de todos os bens e serviços sociais, criadas nas décadas de 1970, mas sobretudo na década de 1980, com a construção dos Conjuntos Habitacionais distribuídos nas áreas mais afastadas da cidade como o Mocambinho na Zona Norte, Itararé na Zona Sudeste e Saci e Parque Piauí na Zona Sul de Teresina, passaram por um longo processo de reprodução do espaço urbano por modificações e reconfigurações em decorrência das próprias necessidades de sobrevivência nessas áreas.

Os pontos de comércio local foram sendo instalados ao longo das avenidas desses bairros, local de maior circulação, por conta do trajeto dos ônibus, e dessa forma também possuíam maior visibilidade. Inicialmente, foram instaladas pequenas quitandas, bares, restaurantes, salões de beleza, barbearias e oficinas de reparos. Os serviços públicos como creches, escolas, postos de saúde e centros esportivos foram sendo instalados mediante a organizações populares como centros sociais ligados a igrejas e a organizações não governamentais, ou ainda pela associação dos moradores dos bairros que de forma organizada reivindicavam do poder público melhorias.

Essas modificações trazem uma valorização desses espaços urbanos, atraem um comércio de porte maior com a instalação de lojas de departamento e supermercados que acabam por sufocar comerciantes locais de pequeno porte. Por conta das inúmeras demandas são instalados também agências bancárias e pontos de atendimentos de empresas de serviços básicos como de distribuição de energia e abastecimento de água que passam a disponibilizar suas agências para facilitar o atendimento aos usuários. O que se observa que essas áreas tidas anteriormente como regiões periféricas, dependentes dos serviços concentrados e oferecidos somente no centro da cidade, passam a ser, como vimos, novas centralidades ou segundas centralidades naqueles locais, atraindo também moradores de bairros próximos.

O que se percebe com essa reconfiguração urbana das periferias é uma necessidade cada vez menor de recorrer ao centro da cidade para o atendimento das necessidades diárias dos seus moradores. Entretanto, essas regiões não disponibilizam de um grande número de oferta de emprego, o que leva a população se deslocar diariamente

para o centro ou para outros bairros para trabalhar. É de se destacar também que muitos serviços públicos como os ligados aos setores administrativos tanto municipais como estaduais ainda se concentram no centro ou em suas proximidades, cartórios, além de serviços especializados, como clínicas e atendimento médico, ou ainda um comércio e serviço com maior variedade de produtos, sobretudo voltado para uma população de menor poder aquisitivo, com lojas de departamentos populares e de vendedores ambulantes.

Com a saída dos moradores iniciada ainda na década de 1960 e 1970, o Centro passa a ser um bairro eminentemente comercial. Mas com os processos de desvalorização, mesmo como região de comércio, ocorrida nas décadas de 1980 e 1990 com vimos anteriormente, essas áreas vão se deteriorando enquanto espaços urbanos. Marcados agora pelo processo de descaracterização do seu patrimônio edificado, processos em série de demolições ou adaptação de antigas residências para sediar o comércio local ou simplesmente ceder espaço para estacionamentos de veículos, fazem com que a região perca suas características originais. Essas áreas degradadas vão sendo associadas a lugar perigoso, violento, vazio nos finais de semana, o qual deve ser evitado, afugentam os investimentos nessa área, que são agora alocados para as novas centralidades.

A situação é caótica. Sem o planejamento adequado, e pela explosão urbana sofrida nas últimas décadas, o Centro foi invadido por vendedores ambulantes, que se espalharam rapidamente pelas ruas e calçadas sem a menor organização, chegando a interromper o tráfego de ruas como a Simplício Mendes. Soma-se a isso o fato de muitos prédios abandonados terem sido ocupados por moradores menos favorecidos, que anteriormente haviam sido expulsos para periferia, retornam progressivamente para o Centro. São em geral mendigos, pedintes, usuários de drogas, prostitutas, ou sem ocupação definida, que perambulam pelas as ruas em busca de sobrevivência.

De fato, o que ocorre nesses espaços, com a passagem do tempo e com o crescimento e espacialização da cidade, é um intenso processo de desvalorização e descaracterização desses ambientes. O Centro, sofre ainda com alteração de usos, suas funções originais são desviadas ou destruídas. E por fim, todo esse processo acaba por interferir na perda do significado histórico desses espaços, uma vez que o significado e a memória construída em torno desses espaços são postos de lado, sofrendo pelo esquecimento e pela falta de sentido, que é acelerado pelos imperativos do presente, dos usos e necessidades desses espaços pelo agora. Assim, muitas centralidades urbanas

agonizaram neste fim de século, fazendo surgir, por outro lado, inúmeras propostas de recuperação, revalorização e revitalização dessas áreas, com objetivo de preservar e dar novos sentidos e usos a esses espaços.

### **AS INTERVENÇÕES NO SENTIDO DE REVALORIZAR O CENTRO DE TERESINA**

As discussões em torno de um projeto de intervenção urbanística para capital do estado do Piauí tinham que levar em consideração as transformações que estavam ocorrendo na cidade. Era necessário pensá-la de uma forma estratégica com relação aos desafios que se apresentava naquele momento e àqueles que estavam por vir. Eram tempos em que a atividade comercial se descentralizava, sobretudo, com a abertura dos novos shopping centers, mais do que nunca era necessário estar atento às necessidades que se apresentavam ao poder público.

Nesse sentido, seguindo uma tendência mundial<sup>3</sup>, os gestores municipais organizaram um evento para discutir os problemas e as propostas de intervenção principais para um melhor aproveitamento da área central, o *Fórum de Revitalização do Centro de Teresina*, realizado entre os dias 03,04 e 05 de março de 1997. De acordo com o superintendente do Instituto Municipal de Planejamento de Fortaleza, convidado para fazer uma palestra no fórum, afirma que “a tendência do centro comercial é perder a vitalidade e a concentração dos negócios [...] com a construção dos shoppings e regiões urbanas periféricas” (RIBEIRO, 1997, p. 09).

O projeto de revitalização do centro de Teresina englobava uma análise e propostas de intervenções nas mais diversas áreas, como na segurança, no trânsito, na recuperação de ruas e avenidas do Centro ou que dão acesso a ele, na preservação do patrimônio histórico-cultural, na questão polêmica dos espaços destinados aos estacionamentos, na realocação do comércio ambulante, além dos problemas de infraestruturas de modo geral, como abastecimento de água, iluminação, coleta de lixo, etc. De modo que o projeto visava atingir todos os aspectos urbanísticos que seriam

<sup>3</sup> Ana Fernandes informa que nas últimas décadas do século XX, mediante a crise vivenciada nos grandes centros urbanos tornou-se consenso no sentido das generalizações em torno das intervenções urbanísticas, apoiado na generalização dos conceitos. Essa nova ótica tem como finalidade lidar com problemas urbanos perceptivo em escala global, como problemas ambientais, com a poluição de rios, o lixo urbano, insegurança, mobilidade urbana, favelização, isolamento e perda das referências identitárias de comunidade, memória e identidade com os espaços urbanos tradicionais da cidade (FERNANDES, 2001).

avaliados com a finalidade de melhorar o comércio para consumidores e lojistas, estes formais ou informais.

A revitalização [do Centro de Teresina] é fundamental, porque, independente da perspectiva para a qual aponte as necessidades de um desenvolvimento urbano moderno, sempre haverá uma importância específica destinada ao centro da cidade. Teresina, especificamente, tem crescido, comercialmente, no sentido da zona leste e não parece lógico barrar essa tendência. O que não pode, de fato, é abandonarmos o centro, entregá-lo às moscas, abrindo mão de uma parte da nossa história. Para que isso seja evitado, porém, é necessário que se planeje o seu fortalecimento, ou refortalecimento, dentro, de bases que não prejudiquem o progresso da cidade ( REVITALIZAR ..., 1997, p. 2).

No Fórum de Revitalização do Centro de Teresina, foi discutida a proposta de criação de um shopping para os ambulantes para liberar a circulação nas ruas tanto para pessoas, como veículos especiais como o Corpo de Bombeiros e ambulâncias, principalmente a rua Simplício Mendes, onde concentram-se maior parte dos ambulantes. As reclamações recaíam pelo fato dessas vias públicas encontrarem-se totalmente obstruídas pelo comércio ambulante. Prejudicando não só a circulação de veículos de atendimento de urgência como também prejudicando o acesso de veículos para o abastecimento do comércio formal.

O projeto do Shopping dos Ambulantes, posteriormente denominado Shopping da Cidade, proposto pela Prefeitura Municipal de Teresina tinha por finalidade oferecer uma estrutura adequada de trabalho para os ambulantes, com conforto e segurança e dessa forma liberar o tráfego nas ruas ocupadas por esses vendedores e suas mercadorias. A proposta era a construção de uma ampla área comercial e de serviços distribuídas em três pavimentos, com capacidade para abrigar 1300 lojas. O local escolhido foi o Terminal Rodoviário Rural, ao lado da Praça Marechal Deodoro da Fonseca – Praça da Bandeira, no marco zero de Teresina, portanto no coração da cidade. Mas a proposta não foi recebida pela população de forma homogênea, pelo contrário, gerou inúmeras discussões.

A primeira polêmica estava na transferência do Terminal Rodoviário Rural para as proximidades do Estádio Lindolfo Monteiro que gerou insatisfação por parte dos usuários e de pequenos comerciantes ambulantes do local. Criado em 1982, estimava-se que cerca de duas mil pessoas utilizavam esse terminal que contava com onze empresas de ônibus, distribuídas em 56 horários que atendiam cerca de cem localidades rurais de



Teresina e de outros municípios vizinhos. A insatisfação do comerciante Benedito Ferreira que trabalhava a dezesseis anos no local ficou registrado na imprensa local.

A maioria das pessoas que vem do interior aproveita a localização da rodoviária rural para fazer compras no Mercado Central. Como que um pobre vai ter condição de pagar um táxi até o Lindolfo Monteiro? Eu não quero sair daqui, pois consegui criar meus filhos com o dinheiro que eu consegui aqui. Esta é a rodoviária do povo. Não há motivos para mudar. Vamos lutar até o fim. O camelô não quer vir para cá e nós não queremos sair (TRANSFERÊNCIA ..., 1998, p. 11).

A segunda polêmica, ainda mais intensa estava na transferência dos ambulantes para outra área da cidade. Mesmo o local escolhido para sediar o Shopping da Cidade estando situado no Centro da cidade, muitos vendedores reclamavam que perderiam clientes, uma vez que a característica do comércio ambulante é está próximo do cliente que trafega pelas ruas do Centro. Como é perceptível na fala de um dos ambulantes veiculada no jornal. “Nós estamos trabalhando com dignidade e não vamos querer que ninguém faça uma maldade de tirar a gente do centro de Teresina” (BORGES, 1997, p.09).

Mesmo diante das polêmicas, o projeto de uma nova área para sediar o comércio ambulante de Teresina seguiu em frente. A área escolhida ficou determinada que seria mesmo o local do, até então, Terminal Rodoviário Rural, situado entre a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida popularmente de Praça da Bandeira, e a tradicional Avenida Maranhão, conhecida pelo comércio intenso ali realizado, por estar às margens do Rio Parnaíba, onde também se encontra a Ponte Rodoferroviária Metálica, um importante entreposto comercial da cidade. Tendo o Mercado Central, conhecida praça comercial de produtos artesanais, com a venda de frutas, verduras e carnes, além das famosas bancas com venda de comidas típicas da região, do lado direito do shopping e o Troca-troca, feira tradicional da cidade, onde se comercializa produtos usados, como eletrodomésticos, móveis, ferramentas e utensílios diversos, do lado esquerdo.

O projeto arquitetônico de Júlio Medeiros, o Shopping da Cidade contava com 14.200 m<sup>2</sup> de área construída. O complexo conta com três pavimentos, edificadas em dois blocos interligados por passarelas, escadas rolantes e elevadores. Com disponibilidade de 1.956 boxes para alocar os vendedores ambulantes, além de um amplo espaço destinado a diversos serviços como postos bancários, Correios, supermercado, praça de alimentação, banheiros, além de uma área com capacidade para 60 pessoas que poderá

ser usado para reuniões e atividades de capacitação. O projeto do shopping foi pensado com o objetivo de oferecer condições dignas de trabalho para os ambulantes, mas também projetado no sentido de atrair o maior número possível de consumidores, por esse motivo foi diversificado o número de serviços ali oferecidos. Dessa forma, os usuários passavam a contar com uma área com mais conforto, comodidade e segurança. O projeto também incluía uma passarela interligado o shopping ao Mercado Central, que não foi executado. O investimento de R\$ 15 milhões foi disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Teresina.

Foram feitas alterações também nos terminais de ônibus, com o intuito de reordenar o trânsito do centro da cidade, uma vez que também o interligava com o novo projeto do Shopping da Cidade. Essa integração com o setor dos transportes públicos foi concluída com a ampliação do percurso do “metrô”, uma espécie de trem de superfície que interliga o Centro com alguns bairros da cidade, com a inauguração da Estação do Metrô.

Diante de das inúmeras polêmicas, o projeto do Shopping da Cidade se arrastou por mais de uma década. Sendo inaugurado apenas em 29 de junho de 2009 pelo então prefeito Silvio Mendes. A concretização do projeto do Shopping da Cidade foi recebida pela população com expectativas de melhoras para o comércio ambulante na cidade. Conforme o ambulante Francisco Medeiros, vendedor desde de 1997, “estamos vivendo um momento de grande expectativa e de esperança por dias melhores que teremos com a abertura do shopping. O Shopping da Cidade é um presente para todos os teresinenses”. Para o ambulante João de Deus, “tudo vai melhorar com o Shopping da Cidade. Estávamos perdendo cliente por falta de organização. Agora passaremos a trabalhar inclusive com cartões de crédito e débito. Tudo isso passa maior credibilidade aos nossos clientes” (CABEÇA DE CUIA, 2009). Concomitante a entrega da obra, foram realizados cursos de profissionalização pela Prefeitura Municipal de Teresina. Os vendedores tiveram capacitação oferecida pela Fundação Wall Ferraz com cursos nas áreas de contabilidade e administração, higiene e limpeza, organização dos boxes e recursos humanos.

Para o prefeito Silvio Mendes,

o Shopping da Cidade veio para resolver o drama dos vendedores ambulantes que durante décadas trabalhavam sob sol e chuva em barracas improvisadas no Centro da cidade. Da mesma forma, com a transferência dos camelôs para o Shopping, a Prefeitura terá condições

de executar as obras do Programa de Revitalização do Centro que prevê a reabertura das ruas Álvaro Mendes e Simplício Mendes para o tráfego de veículos, além da reconstrução da Praça Rio Branco (CABEÇA DE CUIA, 2009).

A inauguração do Shopping da Cidade, além de resolver a questão do local para o comércio dos ambulantes, e proporcionar a continuidade das obras de revitalização do centro da cidade, com o intuito de torna-lo mais agradável, tinha também como finalidade dar novo panorama para a dinâmica do comércio nessa região. Com a criação de um novo centro de compras para os camelôs e a aberturas das ruas que antes eram ocupadas por eles, a perspectiva é que os empresários aumentassem os investimentos das lojas e juntamente com isso o número de empregos no comércio, aquecendo a economia dessa região.

As principais ruas do Centro receberão novas calçadas com piso em bloquetes, rampas de acessibilidade para cadeirantes e nova sinalização. O tráfego de veículos foi restabelecido, mas com velocidade reduzida, para que a prioridade seja dada à circulação de pedestres.

Ainda dentro do projeto de Revitalização do Centro de Teresina estava a intervenção no reordenamento do tráfego nesse local por meio do Plano Diretor de Transportes e Trânsito de Teresina. A situação caótica do trânsito é resultado do aumento do número de veículos circulando na capital, conforme o Departamento Estadual de Trânsito do Piauí - DETRAN/PI, no ano de 1997 a frota de Teresina teve um aumento de 11%, contabilizando 85 mil veículos, um para cada 8 habitantes. No ano de 1998, em um estudo realizado pelo mesmo órgão revelou que foi vendido na capital uma média de 15 automóveis por dia, crescendo de forma vertiginosa a frota de veículo. Esse aumento deve-se em parte à estabilidade econômica resultado do êxito do plano real, à precarização do transporte público além de ser status social. Planejada como uma cidade de médio porte, as ruas do centro de Teresina já não conseguiam absorver o fluxo contínuo de automóveis em seus logradouros, sendo uma constante longos congestionamentos em horários de pico e além da ocorrência de muitos acidentes de trânsito.

O Complexo Cultural da Praça Pedro II, uma importante área histórica e cultural da cidade, que incluía além da Praça Pedro II, o Teatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários, também foram incluídas nas obras de Revitalização do Centro de Teresina. Essa reforma teve o Governo do Estado a frente dos serviços. A primeira etapa se deu na

reforma do Clube dos Diários, concluída ainda em 1996, transformando aquela antiga casa de festas da alta sociedade teresinense em um espaço cultural, um espaço destinado à oficinas e exposição das mais variadas formas de arte. Em seguida, as reformas passaram para a Praça Pedro II, com ordem de serviço no valor de 1.745 mil reais.

O projeto previa uma reforma total desse logradouro, objetivando resgatar seu antigo traçado, que havia sido modificado em uma polêmica reforma na década de 1970, além disso o projeto previa uma a implantação de instalações adequadas os serviços oferecidos naquele local, como bancas de jornais, engraxates e vendedores de frutas. A finalidade da reforma era oferecer ao público uma área de lazer com segurança e organização, além do valor histórico que esse logradouro possui para a cidade. “Agora, em 1998, voltam os jardins, o coreto, os degraus, as ruas divisórias. É historicamente recuperada, para salvar a memória dessa sociedade. Cada piauiense merece os cumprimentos, por esse encontro histórico entre século passado e milênio novo. Entre lembrança e descoberta” (PASSADO ..., 1998).

A reforma foi bem recebida por alguns setores da sociedade, como o senhor Carlos Alberto Barros, conhecido popularmente por Ozires, proprietário de uma das bancas de revistas mais tradicionais de Teresina, Banca Ozires: coração da Praça Pedro II, para ele a reforma

Chegou em boa hora. Com a reforma da praça e todo o projeto de revitalização dessa área, a praça vai reviver e vamos voltar aos bons e velhos tempos da Pedro II. Com as novidades tenho certeza que os negócios vão melhorar significativamente, as pessoas irão voltar a ver a praça como uma área de lazer e se sentirem seguras para vir aproveitar o tempo livre e bater papo com os amigos (BANCAS ..., 1998, p. 6).

A fala do senhor Ozires revela que o processo de crescimento e modernização que a cidade passou nas últimas décadas trouxe mudanças não só para seus espaços físicos, como também para as sociabilidades de seus moradores. A falta de segurança e a vida apressada dos grandes centros impedem seus moradores de aproveitarem antigos espaços de lazer da cidade, como as praças, que antes eram espaços de sociabilidades e hoje são espaços de passagens.

A maior e mais importante casa de espetáculos do Piauí, foi o último desse eixo cultural a ser concluído. O Teatro 4 de Setembro, foi fundado em 1884, mas não possuía espaço para cenários, camarins, mobiliário e decoração incipientes. Em 1952, passou por sua primeira reforma, por conta das comemorações do centenário da capital. Entre os anos

de 1965 a 1973, funcionando quase exclusivamente como cinema. Na primeira metade da década de 1970, a casa de espetáculos passa por uma intensa reforma e ampliação que paralisam todas as atividades. Ressurge como um teatro moderno, ampliado e equipado com as inovações técnicas da época. Desde esta reforma, o Teatro passou a ser palco das principais representações artísticas exibidas em Teresina (CAMPELO, 2015).

Em 17 de junho de 1994, o Teatro 4 de setembro, através do Decreto nº 9198, passa a ser tombado pelo Governo do Estado. A partir de então, tornou-se possível a criação e execução do Projeto de Restauração da Praça Pedro II, culminando com uma reforma e revitalização completa do edifício nos anos de 1997 e 1998, através de recursos federais. Essa última reforma priorizou os seguintes itens: reequipamento da caixa cênica com a instalação de novos equipamentos de som, luz e vestimenta cênica; e efetivar a integração do Teatro ao prédio do Club dos Diários. Passando assim, o Teatro, a ser novamente o centro das manifestações culturais da cidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?* Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

ALVES, Glória. Transformações e resistências nos centros urbanos. In: CARLOS, Ana Fani Alessan. (org.). *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015.

BANCAS serão retiradas hoje da Praça Pedro II. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.889, p. 6, 20 maio 1998.

BORGES, Pedro. Projeto vai mudar o Centro. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.454, p. 2, 03 mar. 1997.

CAMPELO, Aci. *Theatro 4 de Setembro, 120 anos: história e imagens de um símbolo cultural*. Teresina: Fundac, 2015.

EDITORIAL: Revitalizar o Centro. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.454, p. 2, 03 mar. 1997.

FERNANDES, Ana. Consenso sobre a cidade? In: BRESCIANI, Maria Stella. (Org.) *As palavras da cidade*. Porto Alegre: 2001.

MONTE, Regianny Lima. “Teresina: cidade futuro”: novas espacialidades e sociabilidades com a inserção dos shoppings center e condomínios fechados (1990-2010). *Revista Equador*. vol.5, n.3. Ago., em Teresina-PI.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993.

PASSADO e futuro se encontram na praça. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.025, p. 16, 1º out. 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. *Revista Mosaico*, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008

REVITALIZAR o Centro. Editorial. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.454, p. 2, 03 mar. 1997.

RIBEIRO, Efrén. Centro perderá negócios. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.457, p.09, 06 mar 1997.

Inaugurado o Shopping da cidade, em Teresina. Publicado em 29/06/2009 às 22h58.

<http://www.cabecadecuia.com/teresina/47365/inaugurado-o-shopping-da-cidade-em-teresina>. Acessado em 21 maio 2016.

TRANSFERÊNCIA causa revolta em comerciante. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.814, p.11, 03 mar. 1998.

WILLIAMS, Reymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.